

Patrimônio e Memória: o Pateo do Collegio como testemunho da urbanização da cidade de São Paulo

Heritage and Memoir: the Pateo do Collegio as a witness to the urbanization of São Paulo city

Ivan Fortunato*

Resumo: A cidade de São Paulo desenvolveu-se do Pateo do Collegio, com a ocupação dos jesuítas e a construção do seu colégio, fundado em 1554. Neste artigo, buscam-se elementos para inserir o Pateo do Collegio na transformação vertiginosa da cidade de São Paulo, cujas alterações na paisagem paulistana, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, as transformaram em três cidades em cem anos. O objetivo principal deste artigo é apresentar o Pateo do Collegio como patrimônio que testemunha, guarda e representa essas três cidades.

Palavras-chave: Patrimônio. Centro Histórico de São Paulo. Triângulo Histórico. Palimpsesto.

Abstract: Among other themes, the Museu Casa Guilherme de Almeida gives special attention to the participation of the poet who gives his name to the institution at the Brazilian modernist movement and, inside this movement, the Modern Art Week in 1922. To celebrate Guilherme de Almeida as a modernist without discussing the contradictions of the Modernism brings to the institution the risk of reinforcing many myths related to the city of São Paulo and its importance at the history and the literary historiography of the Brazilian nation. Through this path, we get the house museums of personality close to the concept of national museum. We have identified elements that the museum could work with in a way that would explore better the relationship between Guilherme de Almeida and the Modernism and the conflicts of the movement itself.

Key-words: Heritage. São Paulo Historic Center. Historic Triangle. Palimpsest.

1. Introdução

Foi do Pátio do Colégio que irradiaram o esforço e a intuição pioneiros de jesuítas e portugueses para, com inusitado entusiasmo, erguer no Planalto pequena aldeia de gente ativa. Essa reunião de ideais, quando as condições gerais do país permitiram, fez da cidade provinciana, em que a aldeia se transformara, o centro propulsor de extensa região territorial. Mais de espaço, tal conglomerado humano se tornou em suntuosa metrópole, onde harmoniosamente convivem as mais diferentes raças, as quais, ao calor de imenso cadinho, se fundiram para proporcionar aos nossos olhos deslumbrados as atuais urbes modernas e agitadas (OLIVEIRA, 1975, p. 180).

A cidade de São Paulo desenvolveu-se a partir da área do Pateo do Collegio¹, com a ocupação dos jesuítas e a construção do seu colégio, fundado no ano de 1554.

* Pós-doutorado em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. Líder do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Ensino, Ciência, Cultura e Ambiente (NuTECCA) e do Grupo de Pesquisas Formação de Professores para o Ensino básico, técnico, tecnológico e superior (FoPeTec). Pesquisador do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL). Editor da revista Hipótese e coeditor da Revista Internacional de Formação de Professores e da Revista Brasileira de Iniciação Científica. Ocupante da cadeira 37 do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga (IHGGI). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), câmpus de Itapetininga. Contato: ivanfrt@yahoo.com.br

Em outro artigo, destacou-se que a escolha desse lugar não foi por acaso, tendo os jesuítas se apoiado no conhecimento baseado na experiência intuitiva dos nativos, os indígenas da tribo de Tibiriçá, sobre a geografia do lugar para encontrar a localização ideal para instalação de sua Companhia: um espaço plano sobre o alto de uma colina oferecendo ótima visibilidade, cercado de rios navegáveis e piscosos, além de proporcionar proteção, pela dificuldade de acesso (FORTUNATO, 2015). Tal escolha estratégica, conforme se almeja demonstrar neste texto, se tornaria um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento e a expansão urbana e demográfica da cidade de São Paulo. Lomonaco (2004), ao recuperar a história do Pateo do Collegio, nomearia a metrópole paulistana como resultante da evolução de uma ação coletiva inicial, qual seja, a ocupação da colina histórica e a construção do conjunto colégio-igreja pelos jesuítas. Segundo a autora:

Ao longo do século XIX, operou-se a conversão da Europa dos A metrópole paulistana do século XXI nada mais é que o desdobramento dessa ação coletiva inicial, que, ao longo do tempo, por força dos acontecimentos, transformou o pequeno núcleo histórico inicial, na cidade dos mil povos, uma das maiores metrópoles mundiais, de cuja construção participaram homens e mulheres de todas as raças e etnias, fato que lhe confere o seu caráter cosmopolita e multicultural (LOMONACO, 2004, p. 120).

Neste artigo², buscamos elementos para inserir o Pateo do Collegio nas discussões sobre a transformação vertiginosa da cidade de São Paulo, a qual tende a destruir seu patrimônio cultural e, com isso, parte de sua própria história e identidade. Esse movimento se refere às alterações morfológicas e estruturais que decorreram da urbanização e do exponencial crescimento populacional da cidade de São Paulo, no período que se iniciou nas décadas finais do século XIX e se intensificou na primeira metade do século XX. A partir da área do Pateo do Collegio, a cidade se transformou radicalmente algumas vezes, entre os últimos anos do século XIX e boa parte do século XX, até sua ascensão ao *status* de *megacidade* ou *metrópole global* – termos que fazem referência ao seu gigantismo territorial, populacional, econômico etc.

A respeito do desenvolvimento urbano de São Paulo, sua história revela que a cidade permaneceu como um núcleo provinciano até a última metade do século XIX, rapidamente urbanizando-se, modernizando-se e apinhando-se de habitantes na

¹ Ao longo do artigo há duas formas de grafar o nome do local: Pátio do Colégio e Pateo do Collegio. Em outro artigo, foi explicado que a forma antiga é a que efetivamente reproduz a identidade do lugar (FORTUNATO, 2016).

² Este artigo foi desenvolvido a partir de elementos de tese de doutoramento em Geografia apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Neto, na cidade de Rio Claro, São Paulo, Brasil, sob orientação de Lívia de Oliveira.

transição para o século XX, por conta da presença do capital originário da agricultura cafeeira, atraindo mão-de-obra imigrante e dando início à sua vocação multicultural. A partir dos anos 1920, a cidade passaria por nova transformação, principalmente em razão da concentração industrial ao longo da várzea, ladeando os trilhos das ferrovias. Com a industrialização, se intensificou a presença de instituições financeiras na área central, fortalecendo e ampliando o comércio e os serviços locais, além de diversificar sua população.

Nessa época, São Paulo recebeu imigrantes de vários lugares do mundo (italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, japoneses, poloneses, iugoslavos etc.), tornando-se uma cidade cosmopolita. Devido a essa grande concentração de pessoas e as características próprias do capitalismo que se evidenciava na cidade, sua paisagem urbana foi ficando muito mais alta e bem mais extensa... suas ruas e avenidas, mesmo ampliadas, passaram a comportar um fluxo cada vez mais intenso de veículos e pessoas... sua arquitetura mudou em material e estilo... os estilos se misturaram, se combinaram, se contrariaram... A pacata vila da colina do Planalto de Piratininga recebeu a ferrovia, a eletricidade, o bonde, a luxuosidade, entretenimento e lazer, ostentação, indústrias, bancos... alguns locais da cidade foram abandonados... outros demolidos... outros revigorados... odiados... amados... esquecidos... lembrados...

Na leitura de Toledo (1983), esse período de metamorfoses foi marcado por duas transições muito radicais na economia, na cultura e na própria imagem da cidade, permitindo a identificação de três cidades distintas e sobrepostas, criadas sobre o mesmo solo. A primeira transição foi a passagem da Cidade de Taipa para a Metrópole do Café³, enquanto a segunda transição foi a transformação da Metrópole do Café na moderna Cidade Industrial. São três cidades que, embora sua arquitetura, organização econômica e sociocultural tenham ocorrido no passado, ainda povoam a paisagem da capital na memória, mas também, por meio das construções e elementos simbólicos, de forma concreta na imagem da cidade. Em nossa interpretação, o Pateo do Collegio, como núcleo do desenvolvimento de São Paulo, acompanha e testemunha esses movimentos de transição entre as cidades e, contemporaneamente, acolhe as três, seja por meio do patrimônio construído, seja pela memória.

³ Além de Toledo (1983), Bruno (1991), Petrone (1995), Matos (1995), dentre outros, também se referem ao período em que a cidade foi se reconfigurando a partir do dinheiro originado da cafeicultura como “Metrópole do Café”, muito embora São Paulo somente fosse oficialmente reconhecida como metrópole no ano de 1973.

Por isso, o objetivo principal aqui é apresentar como o Pateo do Collegio torna-se testemunha, guardião e representante dessas três cidades. Para isso, é preciso articular um complexo jogo de alternância de escalas geográficas, partindo do lugar onde a cidade se originou, para o Centro que o envolve. Em seguida, olhar para as expansões urbanas horizontal, vertical e populacional de São Paulo, que foram ocasionadas pela própria transformação espacial do seu velho centro... Ainda assim, para entender o que aconteceu no Centro, é preciso compreender os desenvolvimentos da urbanização e da arquitetura realizados na Europa e nos Estados Unidos que eram, de certa maneira, *importados* por São Paulo. Nos limites deste artigo, evidenciam-se as transições, focando a mudança da Cidade de Taipa – quando o edifício no Pateo do Collegio ainda mantinha sua feição colonial – para a Metrópole do Café, época em que a conjuntura cultural da cidade destruiu a construção de taipa para, em seu lugar, erguer luxuoso edifício de tijolos, em estilo neoclássico – este sim, compatível com os ideais de nobreza que povoavam o centro histórico.

2. O centro de São Paulo e o Pateo do Collegio como palimpsestos

O Pátio do Colégio integra, desde há muito, o conjunto de espaços qualificados como patrimônio cultural, e a história de sua edificação e usos nos últimos 100 anos encerra as marcas de modos distintos de apropriação da cidade (LIMA, 1999, p. 61).

A área do Pateo do Collegio, como núcleo do Centro Histórico a partir do qual São Paulo se desenvolveu, é simbólica para a cidade porque contém elementos que representam sua história e sua própria identidade, destacando-se a diversidade arquitetônica que a envolve, e a existência do Museu Anchieta no seu edifício central, cujo propósito é armazenar a história da ocupação jesuíta do século XVI e sua participação na evolução da cidade. Não obstante, a relação entre o Pateo do Collegio e a cidade de São Paulo é muito mais profunda do que a manutenção da memória paulistana, pois o Pateo do Collegio é o lugar que passou por todas as transformações da cidade, desde sua fundação, no ano de 1554, tendo participado ou testemunhado o desenvolvimento e os desdobramentos culturais e paisagísticos da Paulicéia. Como recorda Lima (1999) na epígrafe: o que aconteceu com o Pateo foi o que aconteceu com a própria cidade à sua volta. Assim, já foi demonstrado, em outro artigo (FORTUNATO, 2015), que entre os anos finais do século XIX e a década de 1970, o lugar se tornaria ainda mais significativo, porque as suas mais notórias construções

seriam destruídas e reconstruídas três vezes, tornando-se um lugar totalmente diferente a cada reestruturação.

Por causa dessas transformações, que aconteceram por meio de demolições e novas edificações, é possível considerar o Pateo do Collegio um palimpsesto. Esta palavra, segundo Toledo (1983, p. 77) significa “um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova”. Esse autor utilizou a palavra palimpsesto para descrever a área central da cidade de São Paulo entre os anos 1870 e 1970 que, assim como o Pateo, teve sua paisagem *raspada* duas vezes, para a criação de novas *escritas*. Essa ideia apareceu primeiro na poética de Mário de Andrade (2012) quando, ao caminhar pelo vale do Anhangabaú, ladeando o planalto de Piratininga nos anos 1920, sentiu-se, metaforicamente, estar flanando sobre um palimpsesto, denunciando as formas de apropriação da cidade, que pareciam desconsiderar sua história, memória e identidade, para criar, de imediato, uma nova.

A ideia de que o Pateo do Collegio pode ser considerado um palimpsesto está ligada diretamente à segunda metade do século XIX, quando o lugar era a sede do governo do Estado, ocupando as antigas construções jesuítas feitas em taipa de pilão, originalmente projetadas como colégio e igreja. Mas, no limiar do século XX, essa construção de taipa foi demolida e, sobre seus escombros, construído um luxuoso edifício de tijolos, em estilo neoclássico, denominado de Palácio do Governo. Não obstante, essa esnobe construção do Palácio foi demolida no ano de 1954 e, sobre sua fundação, construída uma réplica do antigo conjunto colégio-igreja dos jesuítas. As diferentes fases do Pateo como palimpsesto podem ser vistas nas imagens da Figura 01, cronologicamente organizadas.

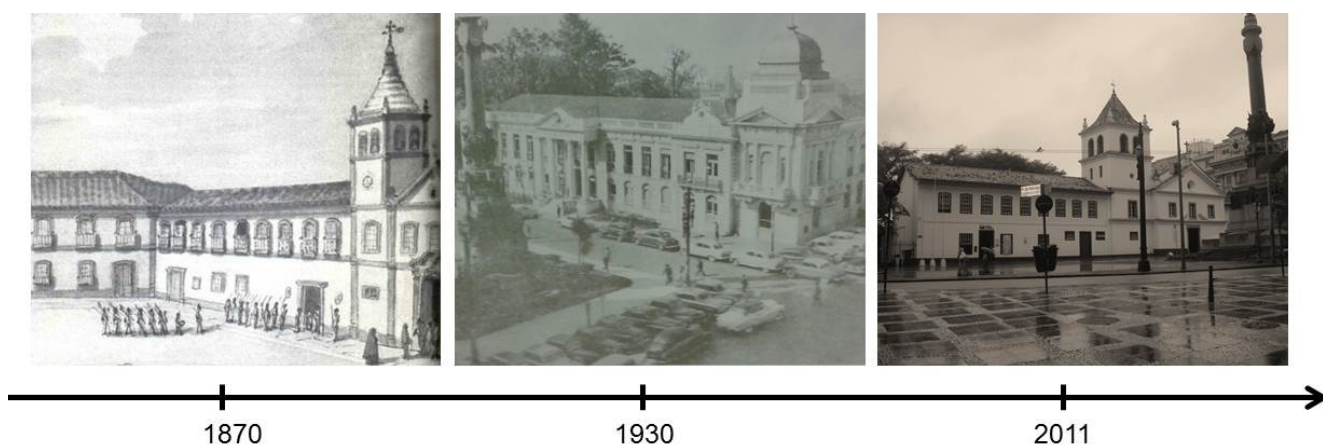


Figura 01 - O Pateo como palimpsesto. Da esquerda para direita: aquarela de Jean-Baptiste Debret de 1827. (in: Lomonaco, 2004, p. 112); foto sem créditos (in: Moraes, 1979, p. 132); foto de Ivan Fortunato, mar./2011.

Essas transformações do Pateo como palimpsesto foram motivadas pelas mudanças culturais, econômicas e políticas da própria cidade de São Paulo, que viu sua paisagem se modificar como se também fosse um enorme palimpsesto. A partir da última metade do século XIX, a cidade foi expandindo-se territorial e economicamente por intermédio do capital gerado pela cafeicultura e pela industrialização, e sua população foi aumentando e diversificando-se com a imigração europeia e nacional. Esses fatores contribuíram para o contínuo crescimento e desenvolvimento urbano de São Paulo, sendo que tudo começou e foi acontecendo do centro para a periferia, ou seja, a partir do núcleo construído e habitado pelos jesuítas no Pateo do Collegio, lugar que participou dessa evolução, foi envolvido nas destruições e reconstruções, e assistiu aos desdobramentos da cidade.

Ao fazer analogia com o ato de raspar e escrever por cima para descrever as transformações ocorridas no Pateo do Collegio e o desenvolvimento da cidade paulistana, tem-se um alerta para as sequelas que ficaram nos lugares, por meio de sobreposições de imagens, que tendem a destruir o patrimônio, a identidade e a memória da cultura anterior, tornando-se vestígios que nem sempre são recuperados pela percepção dos novos usuários e habitantes do lugar, desconsiderando sua importância. Sobre esse tipo de relacionamento com os lugares, que é praticamente a ausência de relação, Relph (1976, p. 143) já havia anotado que atitudes de desprezo, rejeição e desmerecimento desenvolvidas sobre um lugar incidem, em seu mais profundo sentido, em uma *“pervasive and perhaps irreversible alienation from places”*⁴. Isso acontece quando as pessoas deixam de reconhecer o sentido de um lugar, ignorando seus aspectos tangíveis e simbólicos, reduzindo-o a um local sem significado, sem identidade, sem diversidade. Por isso, ao recuperar essas transformações do Pateo do Collegio, buscamos novos significados e possíveis valores para o lugar, indo além de museu que guarda e protege artefatos históricos de São Paulo.

Ao escrever a respeito do palimpsesto, Toledo (1983) anotou as mudanças na cidade paulistana: a transição da economia agrária para industrial, depois financeira e comercial; a diversificação cultural, com a chegada da imigração europeia; a mudança na paisagem urbana por meio da inovação dos estilos e materiais arquitetônicos, da taipa colonial para o tijolo em neoclássico, depois para estrutura armada de arranha-céus. Segundo esse autor, houve duas contundentes transições, que podem ser compreendidas como passagens de uma cidade para outra, completamente nova,

⁴ Tradução livre: alienação generalizada e talvez irreversível dos lugares.

sobre o mesmo solo. Assim, a São Paulo de feições coloniais e construções de barro, nomeada como “Cidade de Taipa”, foi transformada em uma cidade urbanizada e gentrificada a partir do último quartil do século XIX, que ficou marcada pela literatura como a “Metrópole do Café”. A partir dos anos 1920, São Paulo assumia sua feição cosmopolita e a economia se tornava industrial e financeira, levando a cidade a uma nova configuração, nomeada como a moderna “Cidade Industrial”.

A cada transição, o Pateo do Collegio foi destruído e reconstruído, tornando-se parte fundamental de cada uma dessas três cidades erguidas sobre o palimpsesto. Não obstante, o lugar é mais do que um marco representativo, mas guardião das cidades de taipa, do café e da indústria, cujos elementos ainda estão vivos e presentes ali no Pateo. Esses elementos são construções erguidas no próprio largo do Pateo ou no seu entorno, que podem ser consideradas símbolos de cada uma das distintas cidades que configuraram a identidade paulistana. A réplica do conjunto colégio-igreja jesuíta seiscentista como marco da Cidade de Taipa, no centro do largo do Pateo. Os edifícios da Secretaria da Justiça, representando a luxuosa Metrópole do Café, no entorno do Pateo. E o edifício Altino Arantes, o popular “Banespão”, anotando a robusta presença capitalista da Cidade Industrial, construído nas proximidades do Pateo, cuja altura o coloca em destaque na paisagem. Todas essas construções estão geograficamente localizadas na área do Planalto de Piratininga, o solo originário da cidade, onde os jesuítas iniciaram sua colonização em 1554.

No próprio largo do Pateo do Collegio está o representante da Cidade de Taipa: a construção que abriga Museu e Igreja Anchieta, inaugurada em 1979, onde há artefatos da época da chegada dos jesuítas no lugar, imagens que reconstituem sua história e uma biblioteca. No pátio interior, protegidos por paredes de vidro, estão os restos de uma parede de taipa de pilão (Figura 02), remanescente da construção original de taipa que, provavelmente, é a mais antiga da cidade... “preservada por contínuos e cuidadosos esforços, como uma homenagem ao passado e respeito àqueles que nos antecederam”, lemos no painel explicativo do Museu Anchieta, anexado à própria parede.

No largo do Pateo, em sua face sul, estão os representantes da Metrópole do Café: a sede da Secretaria Estadual de Justiça do Estado de São Paulo, que ocupa dois edifícios em estilo neoclássico, semelhantes em forma, tamanho e cor, que podem ser chamados de *gêmeos* (Figura 03). Enquanto a construção que acolhe o Museu e a Igreja Anchieta é o elemento concreto que simboliza o nascimento e a fundação oficial da cidade de São Paulo, os edifícios da Secretaria de Justiça são

também representantes da história da capital, sendo as primeiras realizações de Ramos de Azevedo, arquiteto que exerceu forte influência na paisagem urbana da cidade entre o final do século XIX e o início do século XX, por meio de várias obras de destaque, tais como o Teatro Municipal, a Pinacoteca, o Palácio das Indústrias, o “Mercadão”, dentre outras, como o edifício do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, bem em frente ao largo do Pateo, face oeste.



Figura 02 – A remanescente parede de taipa de Pilão no interior do Museu Anchieta. Foto: Ivan Fortunato, fev./2013.



Figura 03 – No Pateo, prédios gêmeos representando a Metrópole do Café. Foto: Ivan Fortunato, fev./2013.

O elemento que representa a Cidade Industrial está a cerca de 350 metros, sentido norte, do Pateo do Collegio, também localizado no Planalto de Piratininga. Hoje, o lugar é a Praça Antônio Prado. Nesta praça, na confluência da Av. São João com a Rua São Bento está o Edifício Martinelli, de 1929, prédio simbólico para a cidade por ter sido seu primeiro arranha-céu construído em estilo eclético, idealizado pelo imigrante italiano Giuseppe Martinelli. Contudo, o elemento de destaque “C” não é o Martinelli, mas o Edifício Altino Arantes, conhecido como “Banespão”, inaugurado em 1947, projetado, conforme artigo publicado na revista Acrópole (1947), pela Camargo & Mesquita Engenharia, cuja imagem foi construída para ser vista de longe, simbolizando a presença do poder capitalista na cidade. Visto do Pateo, o “Banespão” é o arranha-céu mais alto, no centro, ao fundo (Figura 04).



Figura 04 - O Pateo “observando” o Banespão. Foto: Ivan Fortunato, fev./2013.

Se toda simbologia do Pateo do Collegio como local de fundação e núcleo do desenvolvimento urbano de São Paulo o torna um lugar emblemático para a cidade, os movimentos de sobreposição de funcionalidades e transformação do lugar o tornam ainda mais complexo, na medida em que revelam a história de transformações culturais da cidade de São Paulo entre o final do século XIX e meados do século XX, passando de vila colonial à maior metrópole do hemisfério sul. Tudo isso fica ainda mais simbólico quando consideramos a imagem do lugar nos anos 1870, muito bem delineada por Oliveira (1975):

Os que hoje conhecem o Pátio do Colégio, marco de São Paulo de Piratininga, operosa e progressista, cantando in illo tempore bem no topo de um morro, dificilmente poderão fazer idéia do que teria sido esse logradouro há cerca de um século – pobre lugarejo com meia dúzia de casas rudimentares. E disso aliás ninguém se deve maravilhar, porque não se avaliava que desse núcleo, acanhado e modesto, surgisse uma formidável metrópole, trepidante, como é São Paulo de nossos dias. A cidadela permanecia ainda semi-estacionária (OLIVEIRA, 1975, p. 179).

Esse lugar modesto, acanhado e pobre era o núcleo de São Paulo, no período descrito como “Cidade de Taipa”. Nessa época, a cidade tinha ruas de terra, sem calçamento, praças de barro pisado e foi, por muito tempo, uma pacata vila, praticamente concentrada no alto da colina histórica, tendo o Pateo do Collegio como lugar de escola e igreja até os anos 1750. Depois, quando da definitiva expulsão dos jesuítas do lugar, o Pateo permaneceu como núcleo da cidade, mas, como a construção do colégio dos jesuítas foi ocupada pelo governo, o lugar se tornou centro político e administrativo da cidadela que vivia semi-estacionária.

Ao escrever sobre a história do centro de São Paulo, Schwarcz (1994) confirma que nos anos 1860-1870, trezentos anos depois de sua fundação, a cidade de São Paulo era uma tranquila vila provinciana de feições coloniais, espremida entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, abrigando cerca de 20 mil pessoas em uma pobre e pequena vila, no interior do sertão, que praticamente não participava de nenhuma relação econômica com o mercado europeu. Durante esse período, esclarece Lopes (1998, p. 18), o pequeno burgo vivia um tempo “estacionário”, e os crescimentos territorial e populacional, observados até o advento da ferrovia, foram vagarosos.

A imagem colonial das construções de taipa corresponde aos tempos “lento” e “vagaroso”, qualificando São Paulo como uma vila pequena e de vida mais morosa, bem distante da contemporânea metrópole. Nessa vila, o Pateo do Collegio era o lugar de encontro, seja por conta das missas celebradas na Igreja, seja como local de reunião cívica, no próprio Pateo em frente ao antigo colégio, convertido em sede do governo. Aliás, o primeiro registro fotográfico do lugar (Figura 05), feito por Militão de Azevedo no ano de 1862, captura parte da população da Cidade de Taipa, em um desses momentos em que o lugar era ponto de encontro dos seus cidadãos. Essa fotografia também expõe, pela primeira vez, a original construção de taipa do conjunto-colégio igreja jesuíta, edificado no século XVI.



Figura 05 – O Pateo do Collegio feito em taipa, por Militão de Azevedo, em 1862 (In: Lima, 1999, p. 64).

Essa fotografia de Militão de Azevedo tornou-se importante ícone da história do Pateo do Collegio como um palimpsesto, sendo uma das poucas imagens (se não a única) da realidade do lugar enquanto núcleo de São Paulo, na sua época de Cidade de Taipa. Dali alguns anos, segundo Andrada e Silva (1995, p. 82), o lugar “despedia-se São Paulo do período colonial, em busca do surto de progresso político, cultural, social, econômico, demográfico e urbano, que lhe caracteriza a história, desde a segunda metade do século XIX”. Com isso, a cidade viveria a transição para Metrópole do Café, na qual o Pateo seria *metamorfoseado*. Assim, duas décadas depois desse momento registrado pelo fotógrafo, o lugar começou a ser *raspado*, para que a cidade pudesse *reescrevê-lo*. Ao redor do Pateo do Collegio, começou a surgir uma nova cidade bem diferente do pequeno burgo que nasceu e pouco cresceu no seu entorno. De acordo com Scarlato (2004, p. 247), a pobre cidade deixava de viver sob o paradigma do tempo lento, porque “com a modernização das novas relações capitalistas empreendidas pela sociedade do café, aceleraram-se profundas transformações sócioespaciais”. O Pateo do Collegio, como lugar central da cidade, observou a vida acelerando-se, a cidade enriquecendo-se, crescendo, tornando-se cosmopolita ao mesmo tempo em que, como um palimpsesto, era modificado sobre si mesmo.

3. O Pateo como Palácio do Governo

... as próprias igrejas antigas, feitas de taipa segundo os moldes coloniais [...] desapareceram para dar lugar, no comêço do novecentismo, a templos edificados segundo estilos universalmente consagrados e portanto mais de acordo com a feição tanto quanto possível européia que a cidade procurava assumir [...] escondendo ou eliminando qualquer traço não-europeu ou caipira que porventura perdurasse em suas ruas, em suas casas, em seus jardins, em seus costumes (BRUNO, 1991, p. 911).

Na última metade do século XIX, o Pateo do Collegio em taipa despediu-se da pequena cidade de barro. Contudo, no limiar do século XX, foi a cidade moderna, urbanizada e gentrificada, que se despediu do Pateo, quando suas construções feitas em taipa foram inicialmente reconfiguradas e depois completamente destruídas. Sobre as ruínas dos moldes coloniais, caipiras até, foi construído o Palácio do Governo, feito de tijolos, em arquitetura neoclássica como vista nas cidades europeias, tornando-se uma sede para o governo compatível com a luxuosa Metrópole do Café. Segundo Lomonaco (2004, p. 127), depois de concluída a construção do Palácio, podia-se dizer que “o governo do Estado se alojava, de agora em diante, em edifício cuja fisionomia refletia uma nova época”.

A reconfiguração do Pateo do Colegio colonial em Palácio do Governo marcou a passagem da Cidade de Taipa para a Metrópole do Café, cuja transição, anotou Matos (1995, p. 104), foi resultado de uma complexa conjuntura originada de três elementos de maior importância: “a expansão cafeeira, a multiplicação das estradas de ferro e o surto da imigração europeia”. Tudo isso começou, conforme Monbeig (1975) e Lopes (1998), com o aumento do consumo de café nos mercados europeu e norte-americano e o fato de que a geografia paulista (solo, clima e topografia) era apropriada para a cafeicultura. Por isso Schwarcz (1994, p. 46) afirmou: “foi o café que tirou a pacata cidade de seu sono colonial, transformando o vilarejo em centro do comércio cafeeiro”. Segundo Taunay (2004, p. 237), a chegada da imigração provocada pela produção do café aumentou a população da cidade em seis vezes entre os anos 1870 e 1890, transformando a pacata cidade de 20 mil habitantes em uma grande cidade de 130 mil moradores. Se quase a totalidade desses imigrantes era absorvida pela cafeicultura, a outra parte desenvolvia atividades distintas no comércio, serviços, artes, ensino e, especialmente, na incipiente industrialização da cidade.

No seio dessas mudanças, estava o Pateo do Collegio observando a ocupação multicultural da cidade e a modernização de sua paisagem, porque como o núcleo

administrativo do estado tinha se fixado na antiga construção jesuíta situada no Pateo, a elite cafeeira passaria a frequentar a cidade para cuidar dos negócios. Por consequência, na área do Triângulo Histórico se estabeleceu um triângulo econômico, compreendido pelo encontro das Ruas São Bento, Álvares Penteado e do Comércio surgindo o Largo do Café, de onde partiriam transformações físicas na paisagem da cidade: palacetes e grandes hotéis foram construídos, a pavimentação das ruas, a iluminação pela energia elétrica, o surgimento de bares e restaurantes, o desenvolvimento do comércio, a criação dos jardins, a expansão da área urbana etc. De acordo com Schwarcz (1994) e Moreno (2010), o centro paulistano tornou-se elegante, o local da alta cultura, do teatro, da ópera, saraus, mostras de arte, dos parques, das grandes avenidas e dos edifícios luxuosos.

Como resultado dessa intensa ocupação, o alto da colina histórica, o Planalto de Piratininga, ficou pequeno. Então, criou-se um novo centro, para além do vale do Anhangabaú, por meio dos viadutos do Chá e Santa Efigênia. As novas construções, que iam sendo edificadas nessa área central expandida a partir do Pateo do Collegio, já não eram mais de taipa. De acordo com Toledo (1983, p. 67), o trem “que desceu carregado de café pode, agora, subir com material de construção para se fazer uma casa igual àquela em alguma capital europeia”. Ficava evidente que a paisagem europeia era replicada em São Paulo, seja pela imigração italiana, seja pelas aspirações da elite estabelecida no Triângulo Histórico. A paisagem europeia não era representada em São Paulo apenas pela arquitetura neoclássica e suas construções em tijolos, mas, pelos ideais de urbanismo com foco no realinhamento e arborização de ruas e avenidas, construção de parques e a execução de obras públicas orientadas pela ótica higienista e sanitaria, tencionando resolver questões possivelmente originadas da falta de saneamento e acelerado crescimento da densidade demográfica. Segundo Petrone (1995, p. 145), “datam desse período o ajardinamento do vale do Anhangabaú, o alargamento da rua Libero Badaró e os melhoramentos introduzidos na Praça do Patriarca”, além da construção de diversos palacetes, da canalização dos rios Tamanduateí e Anhangabaú e das obras de saneamento de sua várzea.

O Pateo do Collegio, que observava a cidade se esparramando para além das várzeas do Anhangabaú e do Tamanduateí, tornando-se urbanizada, ajardinada, cultural... teria a prerrogativa de ser o lugar de estreia do engenheiro e arquiteto Ramos de Azevedo que, segundo Carvalho (2000, p. 237), foi o principal nome da modernização da cidade, sendo responsável por construções que romperam de vez

com o estilo colonial paulistano, porque “não teve angústias de afirmação de autenticidade”. Para Lomonaco (2004, p. 128), Ramos de Azevedo teve “privilegio único de se expressar com toda autonomia”, transformado o espaço urbano do Pateo do Collegio, materializando suas ideias estéticas, compondo o local com edificações não apenas muito bem ornamentadas, mas altas o suficiente para “competir” com a torre da igreja, que se destacava na paisagem. Foram projetados os edifícios gêmeos em neoclássico italiano, um novo largo com jardim e uma bela fonte... Contudo, bem no centro do largo estava a modesta igreja jesuíta de taipa de pilão, contrastando com essa nova feição estilo europeia, mais moderna, mais luxuosa... Então, a igreja em taipa foi destruída, e o lugar pode ser repaginado, construído como Largo do Palácio, tornando-se, de acordo com Lomonaco (2004), cartão-postal da cidade em 1902, 1905 e 1908, todos fotografados por Guilherme Gaensly. Esses postais foram cronologicamente organizados na Figura 06.

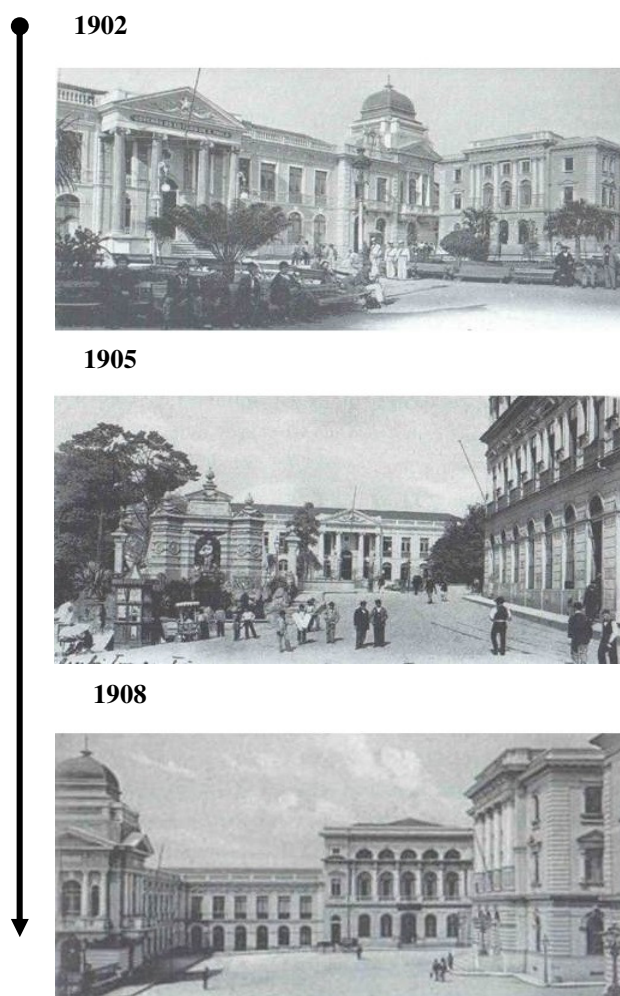


Figura 06 - O Palácio do Governo nos cartões-postais de Gaensly (In: Lomonaco, 2004, p. 128-131).

Que todos nós – estudiosos, profissionais, público – nos preocupemos menos com o Guilherme de Almeida que, *apesar dos versos ou temas tradicionais*, compôs o quadro Modernista, e mais com esse Modernismo, por vezes confuso, que *comporta versos e temas tradicionais* entre as publicações de seus adeptos. Enquanto um Andrade (1928) escreve “Contra o Padre Vieira” [...] “contra a verdade dos povos missionários” [...] “[contra a] Peste dos chamados povos cultos e cristianizados”, o outro pede “No Pátio do Colégio afundem o meu coração paulistano” (ANDRADE, 2001, p. 123), reconhecendo o Colégio de São Paulo e seus missionários como verdadeiro embrião da cidade.

O que se pode observar nesses postais é que o antigo conjunto colégio-igreja jesuíta desapareceu completamente. Segundo Lomonaco (2004, p. 126), o Palácio do Governo “era extremamente representativo da cidade de tijolos que se impunha à velha cidade de taipa”. Mas, deveria o Pateo ser um palimpsesto? Era necessário destruir o patrimônio construído em taipa, do século XVI?

Nessa época, o Pateo já não exercia sua função religiosa, tendo sua Igreja sido abandonada à mercê de suas condições de preservação contra as intempéries climáticas do planalto paulistano. E estava tão mal conservada, que a torre da Igreja ruiu em 1896, depois de forte tempestade, e o que restou foi condenado pelos engenheiros, não havendo outra saída senão sua completa demolição. Segundo Menezes (1954, p. 11), foi no ano de 1891 que o governador Jorge Tibiriçá ordenou a demolição da igreja para que o espaço pudesse ser ocupado por dependências do Palácio. No entanto, sob a responsabilidade do bispo da diocese Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, o clero recorreu à decisão, levando a uma disputa judicial que durou cinco anos. Durante tal disputa, na noite do dia 13 de março de 1896, a torre e o teto da igreja, que já estavam danificados, ruíram, facilitando a decisão de destruição da igreja. O bispado fora indenizado e, com a verba do governo adicionada a doações, construiu a igreja do Imaculado Coração de Maria, no ano de 1899, na Rua Jaguaribe, no bairro da Santa Cecília, cerca de três quilômetros do Pateo. O altar e todos os objetos religiosos que restaram da queda da torre foram levados para essa nova construção.

Mello e Mello (1975, p. 20) também mencionaram a tentativa de proteção da igreja realizada por Dom Lino, cujo litígio se alastrou por um lustro: “houve realmente, na noite de 13 para 14 de março daquele ano, um forte aguaceiro, com ventania e trovoadas que provocou o desabamento de outras construções”; contudo, advertiram:

“tem-se a impressão de que não houve surpresa: a queda da Igreja era esperada, e na verdade, até mesmo desejada por muitos”.

Salgado (1976) escreveu lastimando a decisão de destruir o marco de fundação de São Paulo e, com ele, parte da história e da memória da própria cidade. Foram séculos de vida de um testemunho de diversas experiências colocados abaixo, sem justificativas técnicas, na visão do autor, mas somente políticas:

Após uma delonga de cinco anos, aquela alta Corte confirmou, em sentença definitiva, a pretensão do Bispado. Mas a conjuração de circunstâncias adversas havia de prevalecer. A Igreja estava condenada. E na noite fatídica de 13 para 14 de março de 1886, em meio a uma tempestade, os moradores mais próximos do Pátio do Colégio foram despertados por um ruído insólito: era o desabamento de um lanço da fachada da velha igreja [...] Aquele documento sagrado, em que se liam três séculos e meio de nossa história, foi destruído por culpa dos que tinham o dever de preservá-lo. Dizer que a restauração da velha igreja era impraticável é afirmar a incapacidade da engenharia da época, em face de um problema sem maiores implicações técnicas. Precária que fosse a situação da igreja, como peça arquitetônica, o que importava era impedir a sua ruína definitiva (SALGADO, 1976, p. 110)

Também para Moraes (1979, p. 54), o desmoronamento da Igreja não foi ao acaso e, citando o historiador Serafim Leite, explicou que a derrubada desse patrimônio não foi uma simples decorrência da forte tempestade, mas que pela “má vontade de muitos que o consideravam obsoleto, inestético [...] deixou de ser conservado”. O autor foi além, definindo a demolição da igreja como “ato de vandalismo intencional”, parte de um “plano sinistro” que optou por uma espécie de progresso arquitetônico, ao invés de lutar em defesa da memória coletiva da cidade e todos os seus cidadãos. Algo muito parecido com a seguinte análise tecida por Aureliano Leite (1975):

Lembre-se que daí a alguns anos, se repetia a prática de tão mau gosto (a prática maldita), no velho Convento de São Francisco, condenado afinal, a desaparecer por completo e dar lugar ao aparatoso edifício, atual morada da gloriosa e secular Faculdade de Direito. Era época em que São Paulo perdeu os melhores monumentos de sua história (LEITE, 1975, p. 75).

A literatura, em consonância, atribui a Teodoro Sampaio a assinatura do relatório que condenou e recomendou a demolição imediata do que havia restado da igreja dos jesuítas, cujos argumentos foram reproduzidos por Salgado (1976):

O templo jesuítico, cujos primeiros fundamentos datam de 1554, está irremediavelmente perdido. Derruídas as paredes, gretadas e carcomidas as que permaneceram de pé, nada de estável e duradouro se poderá reerguer com essas ruínas irreparáveis. Claramente debalde os que não querem ver no alheio sentimento senão o desejo inconsiderado de eliminar o que todos veneram. Sobretudo, não exageremos. Entre a veneração e o fetichismo não há, de fato, mais do que uma linha. Só a boa razão e o critério esclarecido não-la fazem bem distinguir e não ultrapassa-la. Demolir aquelas paredes para no mesmo sitio levantar-se nova igreja é exagerar os sentimentos, é desconhecer as necessidades da sua época, é confundir o ideal imperecível com o seu representativo material, contingente, como se a destruição deste acarretasse a irremediável perda daquella (SAMPAIO apud SALGADO, 1976, p. 123).

E após a ordem e a efetiva demolição dos restos da igreja dos jesuítas, lamentou Menezes (1954, p. 12), “foi destruído para sempre o maior e mais significativo monumento histórico da fundação de Piratininga!”. Lamentação sentida e compartilhada por Ferreira (1953), que afirmou:

Deserta a nave silenciosa, na sacristia as escolas continuavam rumorejando. O século das luzes declina, sorrateiro. Nas trevas noturnas de tempestuosa noite, quando o temporal fustiga a cidade adormecida, desaba, com fragor, o santuário de nossas mais vivas tradições: a igreja do Colégio (FERREIRA, 1953, p. 304).

Todavia, essas ideias contrárias à destruição do patrimônio secular dos jesuítas presente no Pateo do Collegio logo seriam ratificadas pelo próprio poder político. Isso porque, explica Lomonaco (2004, p. 132), por volta de 1915, pouco depois da desconfiguração do colégio e demolição da igreja em nome do progresso, da modernização e da estética, o Palácio do Governo foi transferido para o Palacete Elias Chaves, na Avenida Rio Branco, na área conhecida como Campos Elíseos. O elegante prédio de Ramos de Azevedo, que havia tomado o lugar da taipa, foi aproveitado como repartição administrativa do governo, até tornar-se sede da Secretaria de Educação, no ano de 1932. Assim, o Pateo, que havia sido agredido sob a justificativa de que sua imagem colonial não correspondia às necessidades de uma sede governamental para a cidade que se urbanizava, se expandia e se tornava mais rica, viu-se destituído de sua característica principal enquanto núcleo religioso, cívico, político etc., restando-se testemunha no crescimento da cidade.

4. Considerações finais

São Paulo de Piratininga, São Paulo do Campo, São Paulo de São Vicente e mais tarde, São Paulo apenas, conforme se lê nas “Atas da Câmara da Vila de São Paulo”, o núcleo jesuítico fundado pelo padre Manuel da Nóbrega entre as águas do Anhangabaú e Tamanduateí, o colégio e a vila de São Paulo consolidados pelas figuras espirituais de José de Anchieta e Manuel de Paiva, e pelas forças morais de João Ramalho e Tibiriçá [...] atravessam, ao longo do século XVI, dias e noites ressoantes de contínuos e prolongados alertas. Desdobram-se as atividades sociais da pequenina localidade, entre o campo e o vilório. Levantam-se, no interior, cintado por muros de taipa de pilão, os casebres cobertos de sapê e esparsos pelos becos em chãos abertos. Concentra-se, adensa-se e congrega-se no Pátio do Colégio, aos domingos e dias santos, a gente do lugarejo, ao redor das paredes simples e singelas da igreja dos jesuítas. Recolhe-se à nave sagrada, como a pedir-lhe, nesses tempos incertos e difíceis, resguardo, proteção e amparo (FERREIRA, 1953, p. 300).

Das simples e singelas paredes de taipa da construção jesuíta do século XVI, às ornamentadas muralhas de tijolos do palacete do governo do século XX, o Pateo sempre esteve envolvido em complexas relações culturais. Ao longo dos séculos de ocupação e transformações, as distintas formas de organização do lugar e suas formas diversas fizeram com que valores, concretos e simbólicos, fossem ampliados modificados, suprimidos, criados. Assim fez-se o Pateo do Collegio: um lugar cuja toponímia adequada começou a ser ocupada pela vida cultural na década de 1550, e teve seu espírito intensificado pela força religiosa dos jesuítas, em uma ascensionária historicidade, cuja expansão e crescimento da pequena vila que batizara, foram tornando-o um lugar excepcional, de “identidade muito forte”, recuperando as palavras de Relph (2012). Esse intenso sentido ainda é muito presente no lugar, mesmo depois da Companhia de Jesus ter sido expulsa de seu próprio colégio, e o lugar ter sido ocupado não com o objetivo de instruir e catequisar, mas de administrá-lo politicamente, quando os governadores assumiram a construção jesuíta como residência e sede.

Em verdade, sua forte identidade foi evidenciando-se e fortalecendo-se na geograficidade do solo originário paulistano, ao longo de sua historicidade, até a derrubada do Palácio e a reconstrução, ou a construção de uma réplica de seu passado, no mesmo lugar, no alto da colina. Pode-se considerar que a retomada do sítio original para reconstrução da paisagem colonial foi uma batalha vencida pela população, logrando assegurar à metrópole cosmopolita que seu lugar de nascimento seria conservado. Não obstante, compreender essa (re)transformação do Pateo torna-se objetivo de nova pesquisa...

Referências

- ACRÓPOLE. Edifício-sede do Banco do Estado de São Paulo S. A. *Acrópole*, São Paulo, v. 10, n. 196, p. 195-205, dez. 1947.
- ANDRADA e SILVA, Raul. São Paulo nos tempos coloniais. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 10, n.21-22, p. 55-88, 1995.
- ANDRADE, Mário de. *São Paulo! Comoção de minha vida...* Seleta organizada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: UNESP, São Paulo, 2012. 176 p.
- BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1991, 1541p.
- BUENO, Eduardo. Os nascimentos de São Paulo. In: BUENO, Eduardo (Org). *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 7-21.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. 408 p.
- COSTA NETO, Yttrio Corrêa da. *Bancos oficiais do Brasil: origem e aspectos de seu desenvolvimento*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2004. 156 p.
- FERREIRA, Tito Lívio. A sociedade paulistana no século XVI. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. *São Paulo em quatro séculos*. São Paulo: IHGSP, 1953, p. 291-305.
- FORTUNATO, Ivan. O largo Pateo do Collegio e o súbito encanto com o lugar. 2016. [mimeo]
- FORTUNATO, Ivan. Historicidade e geograficidade do Pateo do Collegio, coração do Centro Histórico de São Paulo. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, 2015. [no prelo]
- LEITE, Aureliano. O Colégio dos jesuítas. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 73-76, 1975.
- LIMA, Solange Ferraz de. Pátio do colégio, largo do palácio. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 6-7, n. 1, p. 61-82, 1999.
- LOMONACO, Maria Aparecida. O Pátio do colégio: um lugar de muitas memórias. In: BUENO, Eduardo (Org.) *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 113-143.
- LOPES, Helena de Queiroz Ferreira. São Paulo: 1862-1920. In: LOPES, Carlos de São Thiago. *São Paulo de hontem*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 15-23.
- MATOS, Odilon Nogueira de. A cidade de São Paulo no século XIX. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p 89-125, 1995.
- MELLO, Alexandre; MELLO, Nilva. Vida e morte da Igreja do colégio. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 19-39, 1975.
- MENEZES, Raimundo. *Aconteceu no velho São Paulo...* São Paulo: Saraiva, 1954. 163 p.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. [Tradução de Ary França e Raul de Andrada e Silva]. 2 ed. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998. 392 p.
- MONBEIG, Pierre. *O Brasil*. [Tradução de Hélio de Souza e Gisela Stock de Souza]. 5 ed. São Paulo: DIFEL, 1975. 160p.
- MORAES, Geraldo Dutra de. *A igreja e o colégio dos jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município, 1979, 151p.
- MORENO, Eduardo (Coord.) *São Paulo: a tale of two cities*. Nairobi, Kenya: United Nations Human Settlements Programme (UN-HABITAT), 2010.152 p.
- OLIVEIRA, João Gualberto. Pátio do colégio nº 1. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 179-194, 1975.
- PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1995.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. [Tradução de Eduardo Marandola Junior]. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RELPH, Edward. *Placeness and placelessness*. London: Pion, 1976.

SALGADO, Cesar. *Pátio do colégio: história de uma igreja e de uma escola*. São Paulo: Gráfica Municipal, 1976, 279 p.

SCARLATO, Francisco Capuano. Busca do centro: o reencontro com a cidade. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.) *Geografias da cidade: representação e crise da cidade*. São Paulo: contexto, 2004. p. 247- 270.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Entre cientistas, confeitarias, bondes e muita garoa: um passeio pelo centro de São Paulo na virada do século XIX. In: MEYER, Regina Maria Prosperi (Org.) *Memória técnica do encontro São Paulo Centro XXI: entre história e projeto*. São Paulo: Associação Viva o Centro, 1994. p. 46-49.

TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. *História da cidade de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 376 p. Disponível em: <<http://goo.gl/ndHoOo>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

TOLEDO, Benedito de Lima. *São Paulo: três cidades em um século*. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983, 180 p.

Data de recebimento: 02.04.2016

Data de aceite: 03.05.2016